

SEGUNDO CADERNO

ARTHUR DAPIEVE

Martha, my dear

DVD e caixa de CDs lançam luz sobre La Argerich

Martha Argerich tinha 17 anos e estava sozinha numa pensão em Florença. Tocada por "O imoralista", de Gide, e "Crime e castigo", de Dostoiévski, a pianista argentina decidiu experimentar algo inédito na sua vida de menina-prodígio: cancelar um recital. "Não porque eu estivesse passando mal, eu queria ver como era", ri, meio envergonhada. Então, ela mandou um telegrama para os promotores, em Empoli. Dedo machucado, dizia.

Para concretizar *a posteriori* o seu álibi, Martha pegou uma lâmina de barbear e retalhou o indicador esquerdo. A precaução mostrou-se acertada. O telegrama nunca chegou a Empoli. Os promotores, como combinado, bateram à sua porta para transportá-la. Diante do dedo enfaixado, naturalmente, o espetáculo teve de ser cancelado. Aliás, não apenas aquele como também o recital seguinte, para consternação da própria recitalista.

O caso está contado no DVD "Martha Argerich — Conversa noturna" (2002), do francês Georges Gachot, recém-lançado aqui pela Biscoito Fino. O filme faz interessante *pendant* com "Nelson Freire" (2003), de João Moreira Salles. Afinal, Martha e Freire são amigos desde a adolescência. No documentário sobre ele, são vistos papeando e treinando. No dedicado a ela, tocando Ravel a quatro mãos, no Teatro Colón, em Buenos Aires.

"Martha Argerich" não está, cinematograficamente, à altura de "Nelson Freire". O filme de Moreira Salles sublinha os silêncios, naqueles tensos momentos que cercam as apresentações. O de Gachot valoriza, já a partir de seu subtítulo, a oportunidade de fazer a pianista falar, verbo que ela conjuga ainda mais raramente do que seu amigo brasileiro. Porém, se Freire quase nunca completa uma frase por introversão, o caso de Martha parece ser distinto, ser de resguardo como arma de sedução. Sedução que, sob a lente de Gachot, ela exerce como ninguém, seja ao falar das "conversas" que tem com compositores mortos, seja ao se mostrar cercada por jovens pupilos, como o pianista cubano Mauricio Vallina.

Em ambos os filmes, obviamente, a música é magnífica. Em "Nelson Freire", há um senhor em São Petersburgo que escuta de olhos fecha-



dos um trecho da "Dança dos espíritos abençoados", de Gluck. Em "Martha Argerich", atrás da cabeça da pianista, há um senhor em Zurique que aprecia boquiaberto o Capriccio da "Partita n.º 2 em dó menor BWV 826", de Bach. E há muito mais, inclusive o trio com Eduardo Hubert (piano) e Ricardo Rossi (percussão) tocando "Libertango", de Piazzolla, em Pescara. Entende-se, naquele episódio de intensidade argentina, por que é comum Martha ser comparada a uma força da natureza.

(Aos 63 minutos do documentário recheado de imagens de arquivo, somam-se os 38 mi-

nutos de extras, que incluem, além do "Libertango" integral, outra composição do gênio portenho, "Tres minutos con la realidad", Lutoslowski, Scarlatti, Chopin e Bach.)

O lançamento internacional do DVD com "Martha Argerich — Conversa noturna" põe a pianista sob os holofotes que detesta ao mesmo tempo em que sai uma nova caixa de CDs a baixo preço da Deutsche Grammophon. "The collection 1 — The solo recordings" reúne os oito álbuns que Martha gravou sozinha para o selo. Cada um vem dentro de uma capa que reproduz a dos LPs ori-

ginais, com os textos de contracapa legíveis com lupa, e em novas remasterizações digitais. Acompanha o lote encarte com texto inédito, de Jed Distler.

A caixa se torna ainda mais atraente quando se sabe que Martha foi pouco a pouco diminuindo as apresentações e as gravações desacompanhada justamente por "sentir-se só". Aqui, o álbum mais recente, no qual toca com mestria as plácidas "Kinderszenen" e a atormentada "Kreisleriana", de Schumann, é de 1984. Tem preferido, portanto, conjuntos de câmara e concertos com orquestra, nos quais interage e divide atenções. Talvez o prefira porque, mero palpite, não exista situação musical mais reveladora do que o piano solo.

Quando gravou seu primeiro álbum sozinha, aos 20 anos, Martha levou junto Freire então com 15. Em entrevista citada por Distler no encarte, ela afirmou que não queria tocar nada mais que três vezes. "Eu nunca escutaria", contou. "Eu disse a Nelson que, se houvesse algo que quisessem e eu não conseguisse tocar, ele poderia tocar no meu lugar... Ninguém veria." Segundo ela, Freire lhe era superior nas duas rapsódias da opus 79 de Brahms.

Tal impaciência se traduziu em impetuosidade naquele álbum lançado em 1961, em particular nas duas peças de Chopin (o "Scherzo n.º 3 em dó sustenido menor, op. 79" e a "Bacchante em Fá sustenido maior, op. 60"), tornadas muito mais sangüíneas que a média. No entanto, já no álbum seguinte, de 1967, totalmente dedicado ao compositor polonês, Martha dava ao Largo da "Sonata para piano n.º 3 em si menor, op. 58" uma doçura ímpar.

É essa alternância bem feminina entre sutileza e ferocidade que caracteriza o toque de Martha Argerich. Aos 67 anos, depois de três casamentos, a pianista ainda é uma bela mulher, do tipo que faz cara de sonsa, fingindo não perceber o efeito que causa. E ela causa um tremendo efeito, sobretudo quando ou Chopin ou Schumann está aberto à sua frente.

■■■■■

O Rio deu bobeira.